

Dicionário gramsciano (1926-1937)

GUIDO LIGUORI E PASQUALE VOZA (ORGS.)

São Paulo: Boitempo, 2017. 831p.

Luciana Aliaga *

A tradução do *Dizionario gramsciano 1926-1937*, originalmente publicado em 2009 pela editora Carocci, de Roma, chega aos leitores brasileiros em 2017 pela editora Boitempo. A obra tem como objetivo, segundo seus organizadores Guido Liguori, atual presidente da International Gramsci Society Italia (IGS), e Pasquale Voza, professor emérito de Literatura da Universidade de Bari, na Itália, “reconstruir e apresentar ao leitor – da maneira mais acessível possível – o significado dos termos, das expressões, dos conceitos gramscianos, limitados ao período da reflexão carcerária compreendida nos *Cadernos do cárcere* e nas *cartas do Cárcere*”.

Chama atenção a proposta de “reconstrução” da obra para torná-la acessível ao leitor comum: afinal de contas, por que ela seria necessária? A resposta pode ser encontrada em dois problemas. Em primeiro lugar, a reconstrução se faz necessária em função da forma fragmentária com que foram compostas as notas do cárcere. Embora o pensamento de Gramsci seja sistemático, a forma de registro nos *Cadernos* é assistemática e sinuosa. Ali nos deparamos com uma intensa profusão de ideias, quase sempre sob forma de diálogos com a variada produção acadêmica e com os principais expoentes da cultura italiana e da tradição socialista. Gramsci não chega ao momento da exposição sistemática e definitiva do seu pensamento,

* Professora de Ciência Política na Universidade Federal da Paraíba. E-mail: luialiaga@gmail.com

acrescentando severos obstáculos ao leitor. Em segundo lugar, as dificuldades – não apenas do leitor comum, mas também do especialista – são aprofundadas tanto pelo difícil acesso à totalidade das notas do cárcere nas primeiras edições organizadas pelo Partido Comunista Italiano (PCI) quanto pelo caráter político destas, assim como, de modo geral, pela multiplicidade de interpretações conflitantes suscitadas pela obra em sua difusão e recepção.

No que se refere ao primeiro problema, Liguori e Voza, ainda no “Prefácio”, sublinham a “tensão entre um pensamento coerente e sua exposição fragmentada”. Foi justamente o esforço de fazer emergir a coerência e a organicidade do pensamento gramsciano em meio ao labirinto de notas que levou pesquisadores da IGS-Itália a iniciar uma série de seminários para discussão dos principais conceitos e noções registrados nos *Cadernos*. Destarte, o *Dicionário gramsciano* é resultado, e também continuidade, do seminário “Sul Lessico dei Quaderni del Carcere”, que ocorreu entre 2000 e 2009 e teve como resultado parcial, em 2004, a publicação do livro *Le parole di Gramsci: per un lessico dei “Quaderni del carcere”*.

O seminário, que consistiu num projeto de releitura filológica dos textos, objetivou a reconstrução do léxico gramsciano seguindo a evolução do pensamento do autor, com especial atenção para a dimensão diacrônica da reflexão carcerária, dispensando, portanto, atenção ao “ritmo do pensamento em desenvolvimento”, como o próprio Gramsci adverte no “Caderno 16”.

Contudo, o esforço para identificar quais elementos podem ser considerados estáveis e permanentes e diferenciá-los do material precedente consiste na maior dificuldade. Gramsci escrevia vários cadernos ao mesmo tempo e nenhum deles pode ser considerado materialmente acabado, isto é, todos apresentam muitas páginas em branco no final e em nenhum deles encontra-se uma conclusão definitiva. Desse modo, esse trabalho filológico só foi possível, em grande medida, após a publicação da edição crítica dos *Cadernos* organizada por Valentino Gerratana em 1975, na medida em que, diferente das edições precedentes, esta permitiu o acesso a todas as notas do cárcere, acompanhadas de um aparato crítico que tornava possível compreender a cronologia – ainda que aproximada – da escrita. Com isso, passamos a tratar do segundo problema que torna necessária a reconstrução filológica da obra do cárcere: sua difusão e recepção.

Logo após a morte de Gramsci, os 33 cadernos (4 cadernos de tradução e 29 de temáticas variadas entre Filosofia, História, Política, Educação, Linguística etc.) foram resgatados do cárcere por Palmiro Togliatti, secretário do PCI, e pela cunhada de Gramsci, Tatiana Schucht. Importante mencionar que um dos verbetes do *Dicionário* é a ela dedicado. De fato, a cunhada teve grande importância na vida pessoal e política de Gramsci no cárcere, sendo seu “laço afetivo e informativo com o mundo exterior”.

As primeiras edições vieram a público, portanto, pelas mãos do PCI, publicadas a partir de 1947. Essas edições não apresentavam a totalidade das notas do cárcere (além de prefácios que induziam certa interpretação do autor, aproximando-o de

Stálin sem evidências textuais). Eram coletâneas que buscavam apresentar a obra do cárcere reunindo os parágrafos de modo temático. Com isso, o PCI, de certo modo, reescreve a obra, apresentando-a com uma unidade temática que, de fato, ela não tinha. Evidentemente, esse problema se reproduz nas traduções feitas a partir desta primeira edição temática italiana. Em função disso, Edmundo Dias publica em 1994 um artigo na revista *Ideias* na qual trata dos “usos e abusos da leitura dos textos gramscianos”, indicando importantes distorções de interpretação do autor contidas nessas primeiras edições.

Por essa razão, a publicação pela Editora Einaudi da edição crítica organizada por Valentino Gerratana em 1975 representa um marco nos estudos gramscianos. Nela se encontram todos os cadernos em sequência cronológica (exceto os cadernos de tradução). Como é sabido, Gramsci reescreveu parte das notas do cárcere, anulando a primeira versão, mas ainda permitindo a leitura. Gerratana classifica os textos de primeira escritura como textos A e sua reescritura como textos C, além dos textos de única redação como textos B. Além disso, a nova edição acrescenta um volume de aparato crítico, isto é, de análise e exposição da estrutura e das características da obra. No Brasil, os leitores de Gramsci tiveram acesso a essa obra – sob forma temática – com a publicação, entre 1999 e 2002, da tradução da versão de Gerratana feita por Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira, Luiz Sergio Henriques, organizada em seis volumes, que excluíram, contudo, as notas de tipo A. Assim, os estudos gramscianos no Brasil ganham agora maior fôlego.

Uma das muitas virtudes desta tradução do *Dicionário*, que contém 627 verbetes – fazendo referência aos conceitos formulados por Gramsci, e incluindo ainda todo o universo político e cultural do autor – consiste no esforço de estabelecer rigorosa correspondência, sempre que possível, entre o original italiano (a edição crítica de Gerratana) e as edições brasileiras (organizadas por Coutinho, Nogueira e Henriques: seis volumes dos *Cadernos do cárcere*, dois volumes das *Cartas do cárcere* e dois volumes dos *Escritos políticos* que reúnem parte dos artigos pré-carcerários, utilizados pelos autores dos verbetes como apoio).

Como se vê, o acesso à integralidade da obra do cárcere, acompanhado de uma análise acurada de sua composição, constituiu pressuposto definitivo para a “reconstrução” do pensamento de Gramsci registrada no *Dicionário*, resultado de esforços empreendidos pela IGS-Itália e que agora chega às mãos dos leitores brasileiros. O recorte temporal dos verbetes do *Dicionário*, ou seja, a sua limitação ao período da reflexão carcerária compreendida nos *Cadernos do cárcere* e nas *Cartas do cárcere*, se deve – além do fato de que o pensamento carcerário é mais coeso e orgânico – justamente à inexistência de instrumentos filológicos semelhantes à edição crítica de Gerratana para os escritos pré-carcerários. Destarte, o *Dicionário gramsciano*, longe de ser um ponto de chegada, letra definitiva ou única interpretação autorizada, é mais um importante instrumento – dos muitos que ainda são necessários – para a reconstrução rigorosa do pensamento de Gramsci.